



A reativação do Comércio pode trazer grandes lucros para Salvador, especialmente no turismo

Comércio vive momento de expectativa e esperanças

Vera Schumann

Recentemente lançado, o Projeto de Revitalização do Centro Comercial do Comércio transformou-se no assunto do dia entre lojistas e funcionários da Cidade Baixa de Salvador. Em meio a um clima de "São Tomé — ver para crer" —, a população se deixa levar pela perspectiva de ver resgatada a dinâmica da que já foi a principal área de negócios da capital baiana há quatro décadas. Quem melhor definiu a expectativa foi o presidente da Associação dos Lojistas do Comércio, Waldemar Guedes: "Mais do que necessária, a revitalização do Comércio é indispensável".

O início da elaboração do projeto, segundo o presidente da Associação Comercial da Bahia, Joaquim Fonseca Júnior, está previsto para os próximos 90 dias. A iniciativa ultrapassou a primeira barreira, que foi a conquista do imprescindível apoio do empresariado, como primeiro passo. "O projeto tem como objetivo resgatar e dinamizar o Comércio e, com isso, principalmente, os empresários de maior porte imobiliário terão 70% de valorização", observou.

Até lá, entretanto, há muito o que fazer. O passo seguinte é o cadastramento e levantamento dos recursos humanos, sistemas viário, elétrico e telefônico, além do hidráulico, bem como a identificação das áreas de expansão e subaproveitadas entre Conceição da Praia e Água de Meninos. E aí se inclui o resgate do corredor hidroferroviário. Arquitetos e urbanistas já estão sendo convocados, enquanto as idéias estão "borbulhando".

O aspecto cultural-turístico será contemplado com propostas de melhor aproveitamento das tradicionais manifestações populares, juntamente com a criação de um centro de animação que englobe ruas movimentadas durante 24 horas, e um consistente pólo noturno e de fim de semana. "São idéias ousadas", como admite o presidente da Associação Comercial da Bahia, mas que preenchem o conceito que o representante dos lojistas do Comércio, Guedes, faz da região. "Isso aqui (o Comércio) é a Wall Street (centro financeiro de Nova Iorque, nos Estados Unidos), baiana".

UNIÃO

Para ser concretizado, lembra Fonseca



Foto: Arlindo Félix

A Ladeira da Conceição: vazia

Júnior, é necessário que todos os setores da iniciativa privada — e também as instituições públicas — participem dessa iniciativa de resgate da história da Bahia. Um dos argumentos mais contundentes e óbvios em prol do projeto é o fato de que, se a tendência de constante decadência da área não for revertida, o local se transformará num foco de marginalidade e desperdícios de bens comunitários que tanto custaram para ser edificados, com sérios reflexos negativos para todos.

QUADRO

Num diagnóstico preliminar, o principal problema apontado pelos lojistas do Comércio é a falta de estacionamento e a subutilização de equipamentos públicos, como o Elevador Lacerda — apenas duas das quatro cabinas elevatórias estão em funcionamento — e o Plano Inclinado, fechado desde a retirada do calçadão da Praça da Sé, e sem perspectiva de reativação, no que é classificado por todos como um desperdício. "Nós precisamos de estacionamentos reais e não esta porcária (as zonas azuis) que está aí", desabafa Waldemar Guedes, que, tanto quanto Fonseca Júnior, defende um maior aproveitamento da Avenida Estados Unidos e aponta os grandes e velhos armazéns ali existentes, como solução viável para suprir a deficiência dos estacionamentos.

Variedade era a característica

O comércio da Cidade Baixa caracterizou-se, até o final dos anos 40, como um setor tradicionalmente atacadista e baiano, para onde a população acorria, atraída pelos preços mais acessíveis e grande variedade de produtos. Como um dos antigos integrantes dessa tradição, Waldemar Guedes é hoje o representante dos lojistas do Comércio, só que faz parte dos "forasteiros" que para Salvador vieram a partir da década de 50, com a construção da Rio/Bahia, que provocou a expansão do comércio em outras áreas da capital e a derrocada do setor na Cidade Baixa.

Paulista, ele começou como empregado da antiga Casa dos Tecidos e acabando por tornar-se o acionista majoritário do estabelecimento. Ele e outros da época lembram o período de glória do Comércio, que se caracterizou pela variedade e qualidade dos produtos. "Aqui era um depósito de tecidos de seda e algodão", disse, enumerando os pólos de sustentação do mercado na época: ferragens de pequeno porte da Casa Moraes, a ala de material de construção da Conceição da Praia, o setor de moda masculina fina, juntamente com o de confecções e o de artigos esportivos, concentrado na Rua Corpo Santo.

Do alto de sua experiência, ele contém a pla o abandono em que a região caiu e acompanhou o prolongamento da área em direção a Calçada, com o advento da Estação Ferroviária. "Água de Meninos era um centro de abastecimento de alimentos básicos, que descarregava aqui a produção agrícola do Recôncavo", lembrou Guedes, ressaltando que hoje todo o Comércio "está entregue às baratas", num completo desperdício, já que a área podia ser explorada especialmente pelo ângulo do turismo.

CRÍTICAS

Os tempos mudaram. Mas podem mudar para melhor ao invés de cada vez pior. Nesse sentido, muitas idéias e iniciativas foram criadas, mas nenhuma saiu da intenção, como o Revcentro (Revitalização do Centro Comercial) do qual Guedes participou. Hoje, ele constata o "assassinato" de pontos comerciais tradicionais como o Taboão (mas manifesta a esperança de que a reforma a ser promovida pelo governo estadual atinja beneficentemente a área), e o da Praça da Sé, com a criação do calçadão na época. "Criado, foi o primeiro erro; e agora, retirado, atinge-se o Plano Inclinado, que está fechado há mais de 20 dias e sem perspectiva de funcionamento", disse, somando a esse descaso do poder público as encostas abandonadas e a exploração racional de vários pontos na área.